

## A VISÃO EM PARALAXE COMO MÉTODO PARA DESVELAR A IDEOLOGIA

### THE PARALLAX VIEW AS A METHOD TO UNVEIL IDEOLOGY

### VISIÓN DE PARALAJE COMO MÉTODO PARA DESVELAR LA IDEOLOGÍA

Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

rosanne.bezerra@cchla.ufrn.br

#### Resumo

Neste artigo, que tem como tema a influência ideológica, faço um estudo sobre a relação entre o Real e o Simbólico. Sigo o método filosófico encontrado na obra *A visão em paralaxe*. Tal visão caracteriza-se por modificar, aparentemente, o Real, conforme o ângulo do observador. Minha principal meta é investigar a maneira como a ideologia opera na sociedade, ao iludir o indivíduo e mascarar a realidade, e como o método da visão em paralaxe pode funcionar como antídoto para inibir tal influência. Busco identificar essa problemática filosófica em fatos sociais, observando a influência da ideologia na leitura da realidade social. Para tanto, elegi quatro exemplos – situações diversas – com o objetivo de esclarecer o pensamento filosófico aqui abordado. Na conclusão deste estudo, observo que a visão em paralaxe nos ensina que a visão que temos dos fatos é sempre mistificada. Esse método nos desperta para a tomada de consciência diante do efeito da ideologia nas nossas vidas.

Palavras-chave: real, simbólico, ideologia.

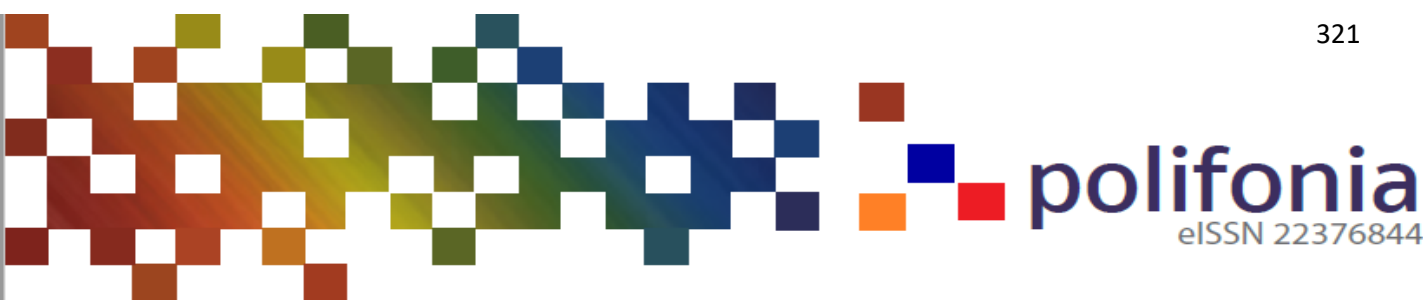
#### Abstract

In this article, that has the ideological influence as its main theme, I study the relationship between the Real and the Symbolic, following the philosophical method found in *The parallax view*. Such view is characterized by the apparent modification of the Real, according to the angle of the observer. My main goal is to investigate how ideology operates in society by deceiving the individual and masking reality, and how the parallax view method can function as an antidote to inhibit such influence. I seek to identify this philosophical problem in social facts, observing the influence of ideology on the reading of social reality. For this purpose, I have chosen four examples – four different situations – with the aim of clarifying the philosophical thought approached here. In the conclusion of this study, I observe that the parallax view teaches us that the view we have of facts is always mystified. This method awakens us to become aware of the effect of ideology in our lives.

Key-words: real, symbolic, ideology.

#### Resumen

En este artículo, que tiene como tema la influencia ideológica, hago un estudio sobre la relación entre lo Real y lo Simbólico. Sigo el método filosófico que se encuentra en *Visión de paralaje*. Dicha visión se caracteriza por la modificación aparente de lo Real, según el ángulo del observador. Mi principal objetivo es investigar cómo opera la ideología en la sociedad, engañando al individuo y enmascarando la realidad, y cómo el método de visión de paralaje puede funcionar como un antídoto para inibir dicha influencia.



Busco identificar este problema filosófico en los hechos sociales, observando la influencia de la ideología en la lectura de la realidad social. Para ello, he elegido cuatro ejemplos – situaciones diversas – con el objetivo de aclarar el pensamiento filosófico que aquí se aborda. En la conclusión de mi estudio, observo que la visión en paralaje nos enseña que la visión que tenemos de los hechos está siempre falsificada. Tal método nos hace despertar y tomar conciencia del efecto de la ideología en nuestras vidas.

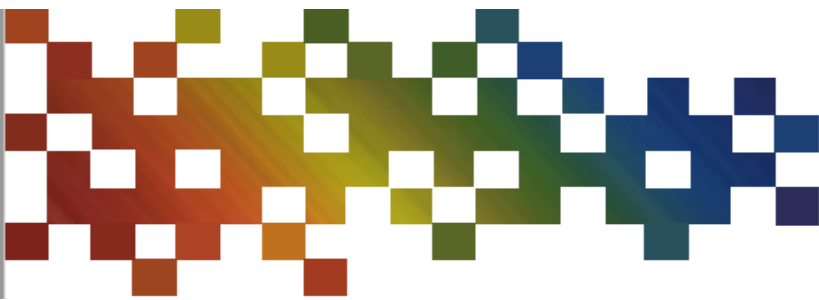
Palabras clave: real, simbólico, ideología.

## Introdução

O presente estudo aborda a teoria do filósofo Slavoj Žižek (1949-) em articulação com as de outros pensadores como Ernesto Laclau (1935-2014) e Alain Badiou (1937-). Procuro esboçar um entendimento em torno da categoria do Real, revelando a confluência dos discursos desses escritores. Este artigo examina o significado do Real em algumas obras do filósofo esloveno, especialmente nos livros *A visão em paralaxe* (2006) e *Bem-vindo ao deserto do Real!* (2002). Em sua escrita, Žižek demonstra diferentes situações sociais nas quais aquilo que é tomado como verdade, de fato não passa de ilusão. Como se fora ficção, a realidade ludibria o homem, envolvendo-o nas malhas do Simbólico e impedindo-o de enxergar a verdade dos fatos. E é justamente nesse contexto, na relação entre o Real e o Simbólico, que é possível identificar como a ideologia opera. Conforme o caminhar deste estudo, concluo que a grande ideologia do nosso tempo está em aceitar como verdadeiro aquilo que é falso, mediante o deslocamento da visão do observador diante do Real. Tanto para Badiou como para Laclau e Žižek, a verdade é contingente. Ela esbarra numa situação concreta histórica. A tendência a uma total cegueira política na sociedade é encorajada por discursos coercitivos que convencem as pessoas de falsas ideias, como bem argumenta Laclau, no texto “Fascismo e ideologia”, no qual é possível evidenciar concordância com o entendimento de Žižek e Badiou.

## 1 A paralaxe e o seu significado

*A visão em paralaxe* é considerada a obra-prima de Žižek. Publicada em 2006, ela expõe o método de trabalho teórico do filósofo. Envolvendo psicanálise, cinema,

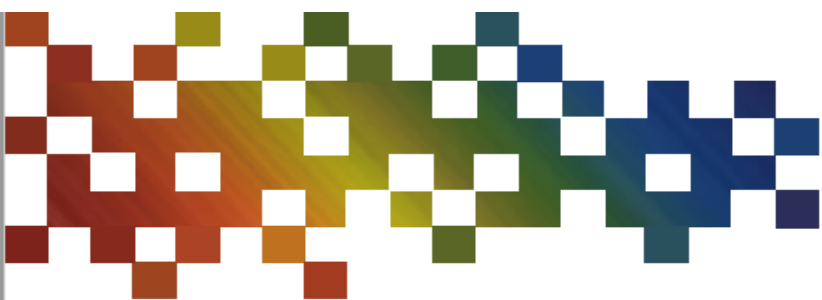


literatura, sociologia, neurologia, política e filosofia, o livro traz reflexões não só de seus livros anteriores como também do pensamento de autores como Lacan, Hegel, Marx, Agamben, Negri, Laclau, só para citar alguns nomes. O livro investiga a visão em paralaxe como sendo uma visão sempre mutável dos fatos, variando de acordo com o ponto de vista do observador. O reconhecimento desse deslocamento de visões perante um determinado fato social permanece como um dos grandes desafios do pensamento contemporâneo. Transitando entre a alta cultura e a cultura pop, Žižek apresenta a visão em paralaxe como o método adequado para caracterizar o seu pensamento ao abordar a lógica da influência ideológica. Tal método compromete-se em evidenciar o fenômeno óptico como um meio filosófico de desvelar a ideologia. Assim, o ângulo da paralaxe interage com três elementos: o Real, o Simbólico e a Ideologia.

No intuito de melhor explicitar o pensamento de Žižek, convém traçar um paralelo entre a sua filosofia e o entendimento de Jacques Lacan sobre a categoria do Real. Segundo Žižek, é por meio do Simbólico que acessamos, ainda que indiretamente, o Real. Como este se divide em múltiplos pontos de vista (diversos ângulos da visão em paralaxe), dificultando o nosso acesso direto a ele, o que temos é uma fração de sua totalidade, e só conseguimos chegar a essa fração pela via do Simbólico. A discussão žižekiana aqui apresentada possui relação com os termos Real-Simbólico-Imaginário, de Lacan. No livro *How to read Lacan*, Žižek destaca o entendimento do estudioso acerca do Real. Para Lacan, o Real é algo de-substancializado, uma fresta enleada na rede simbólica. É o que se esconde no véu de aparências. (ŽIŽEK, 2006, p. 72).

Em *O Seminário, livro 23*: o sinthoma, o psicanalista afirma que o Imaginário e o Simbólico estão enodados por meio do Real (LACAN, 2007, p. 129). Fortemente influenciado pelo escritor, Žižek elabora o seu método da visão em paralaxe, investigando a categoria fantasmagórica do Real como sendo algo que sempre nos escapa e ao qual só podemos chegar pelo Simbólico. Fechando a tríade žižekiana (Real-Simbólico-Ideologia), entendemos por ideologia aquilo que Lacan denominou de imaginário, pois ambos os termos denotam o mesmo: o de velar o Real.

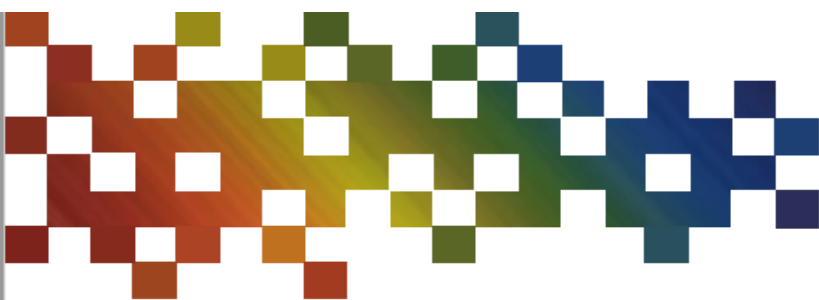
A origem da palavra paralaxe, do grego παραλλαγή, está ligada à mudança do ângulo de visão de um objeto. O ponto de vista de um observador será sempre alterado



conforme o ângulo de observação. A paralaxe estelar, por exemplo, mede a distância entre as estrelas. Se imaginarmos dois observadores em locais diferentes, mirando uma mesma estrela, a visão em paralaxe será compreendida, portanto, como a diferença, ou a interseção dessas duas visões. Ao trazer o termo utilizado na astronomia para expressar o seu pensamento crítico, Žižek problematiza a visão que se tem do Real, conscientizando-nos de que aquilo que tomamos pelo Real não deve ser entendido de forma rasa e simplista, pois a sua condição é puramente paraláctica, sem densidade sólida. O Real corresponde ao que é abstrato, oculto, de difícil acesso, de modo que aquilo que enxergamos é a sua máscara, ou seja, como não temos acesso direto a ele, permanece como uma lacuna, um espectro que escapa a nossa visão a todo instante. Tanto para o psicanalista francês como para o filósofo esloveno, o Real é imanente ao Simbólico, e é por meio deste que conseguimos chegar próximo daquele. A realidade (que não deve ser confundida com o Real) é construída simbolicamente. E como nós, observadores, enxergamos a realidade? Por meio da ideologia que funciona como uma lente capaz de graduar o efeito de uma realidade apreendida por aquele que a observa. Dito isso, *A visão em paralaxe* do filósofo convida o leitor a uma reflexão sobre a relação entre o Real e o Simbólico, permeada pelo efeito ideológico e pelo pensamento crítico. Este último deve ser entendido como o resultado da visão em paralaxe, uma visão que abarca pontos de vista diversos e oferece uma terceira visão na tentativa de solucionar um impasse.

Sendo o Real imanente ao Simbólico, e sendo a realidade revestida deste último, o primeiro será sempre inalcançável, um núcleo ao qual não podemos chegar, pois foge a nossa compreensão. Para exemplificar de forma prática a diferença entre Real e Simbólico, tomemos a palavra democracia. Ao pensarmos no verdadeiro sentido do termo, caímos no campo do ideal, do intangível e, portanto, do caráter fantasmagórico do Real como algo sem substância. Sobre o termo democracia, este apresenta-se essencialmente dividido, tornando-se contraditório e incapaz de se prestar a uma síntese.

Desde sempre, variados vocábulos surgiram, ao longo da História, com o intuito de construir um entendimento acerca do Real. Tais vocábulos – democracia, liberdade, justiça, direitos humanos, patriotismo, entre outros, são semanticamente instáveis e seguem sendo constantemente revisados, uma vez que são impregnados de seus



contrários. Não são termos ideologicamente neutros. Seus significados, na prática, nem sempre correspondem às palavras. Sobre democracia, em seu livro *Bem-vindo ao deserto do Real!* Žižek alerta-nos: “a democracia honesta é uma ilusão”. (ŽIŽEK, 2002, p. 99). Como o próprio título do livro demonstra, o Real é um deserto. No sentido lacaniano, o Real é um vazio a ser preenchido pelo Simbólico, e por essa razão não deveríamos acreditar inocentemente nesses vocábulos. A lente da ideologia faz com que muitos vejam o termo democracia com olhos crenes. Como bem afirma o filósofo, “a democracia é hoje o principal fetiche político, a rejeição dos antagonismos sociais básicos.” (ŽIŽEK, 2002, p. 98). Em outras palavras, a democracia termina servindo somente a um lado. Ao fazê-lo, discrimina aqueles que pensam fora do padrão hegemônico e ludibria as pessoas, fazendo-as pensar que elas possuem o poder de escolha. Sendo assim, cada tentativa de reivindicar o termo e afirmar a sua prática em determinada sociedade/realidade, necessariamente fracassa.

Em muitos contextos percebe-se quando um certo observador busca uma explicação de determinado fato social e, inevitavelmente, acaba por eliminar o elemento externo que compõe a totalidade do fato. Nessa eliminação, o Real vai junto, restando a visão *aparente* de um determinado fato. O Real, portanto, é sempre o excedente (a criança que foi jogada fora, junto com a água do banho) e, dessa forma, escapa facilmente de nosso alcance. Esse elemento externo, estranho ao grupo, é rechaçado em prol de uma harmonia idealizada, chamada ideologia, cuja função é mascarar o Real, ofuscando a visão do observador, que sempre enxergará o mundo mediado pela lente ideológica.

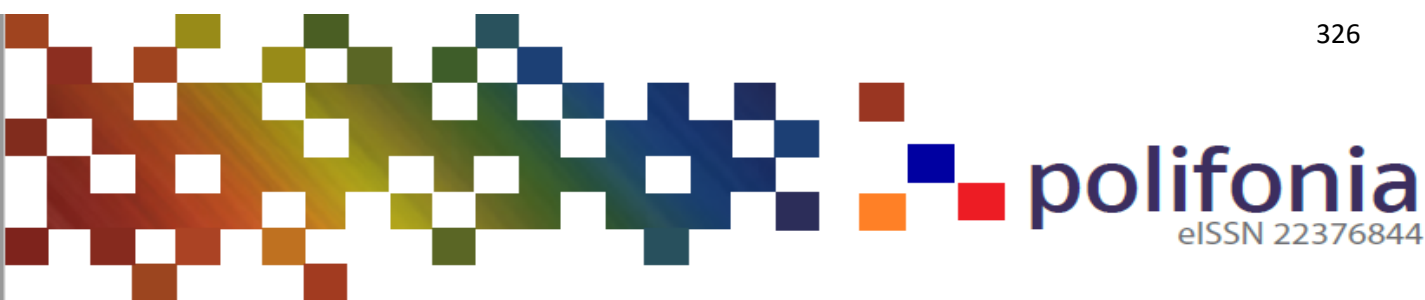
Retomando o termo democracia, observa-se que a sociedade, de modo geral, rejeita o diferente, o excedente (Real), evitando dele se contaminar, porém insiste em passar a ideia de ser uma sociedade tolerante e democrática, quando, na verdade, é excludente e autoritária. Afinal, as pessoas querem realmente mergulhar no Real? Ou preferem o conforto e a segurança da visão paraláctica sob o efeito da ideologia?

2 Você está aqui? Em meio ao deserto do Real? Quatro exemplos paraláticos

Em *O sublime objeto da ideologia* (1989), livro que o tornou conhecido mundialmente, revisando conceitos de Althusser, Marx e Lacan, com a tarefa de elaborar o que podemos chamar de “sintoma social” (BUTLER, 2007, p. 3), Žižek traz ideias da obra de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, especificamente do livro *Hegemonia e estratégia socialista* (1985)<sup>1</sup>. O pensamento que os une é o de que o social apresenta-se dividido, antagônico e impossível de ser objeto de uma solução. A obra de Laclau empreende uma crítica do papel da ideologia em movimentos políticos. Seu método, fundado na teoria do discurso, investiga a realidade como uma construção discursiva que inclui a posição do sujeito nessa realidade. Tanto para o escritor argentino como para Žižek, o campo discursivo é marcado pela ideologia. Ao longo da História, pensadores têm esboçado definições para uma melhor compreensão sobre a construção do social, que acabam, porém, sendo definições provisórias, exaustivamente discutidas, como foi mencionado anteriormente em relação ao termo democracia. Nisso Laclau e Žižek concordam. Afinal, como explicar o fenômeno social, unificando suas alterações, em diferentes lugares, contextos e épocas? Uma definição (da palavra democracia, por exemplo) pode ganhar diferentes significados em função do contexto no qual é aplicada. E a visão em paralaxe revela justamente esse deslocamento do sentido real do termo. Muitos fracassam na tentativa de explicar o seu significado, pois nenhuma definição consegue abarcar a totalidade social desejada. Certamente, permanecem na busca por uma explicação, uma compreensão do Real por trás da palavra, ou ainda, o resgate de uma totalidade social imaginária. Essa eterna busca é chamada pelo escritor esloveno de “sublime objeto da ideologia”. A ideia do fracasso da relação entre a realidade e a sua simbolização, presente na linguística de Saussure, retomada pelos pensadores pós-marxistas, Laclau e Mouffe, é reforçada por Žižek no seu *Sublime objeto*, no qual ele discorre sobre a noção de democracia. Há pontos comuns entre Laclau e Žižek (além de ambos se identificarem com o pensamento lacaniano) no que diz respeito ao funcionamento da ideologia.

---

<sup>1</sup> Obra que faz uma revisão sobre a relação entre democracia e socialismo, do argentino Laclau e sua esposa belga, Chantal Mouffe.



Neste breve artigo, elegi quatro situações com o intuito de proporcionar uma compreensão, na prática cotidiana, daquilo que vem a ser a visão em paralaxe. Os quatro exemplos são: (1) a mensagem de uma charge de Dave Whamond; (2) o comentário de Badiou sobre uma peça de Pirandello; (3) uma frase retirada de uma propaganda veiculada pelo atual governo brasileiro; (4) um exemplo encontrado no livro *A visão em paralaxe*, evidenciando uma situação bastante cotidiana em nossas vidas: um mapa urbano com uma seta indicando “você está aqui”. Em todos os quatro exemplos, constata-se que o Real corresponde ao vazio, ao excedente, pois sua existência é transmutada para o campo do Simbólico. A lente da ideologia impede que o observador enxergue o Real, mantendo-o envolto pela aparência, ou ainda, pelo seu “semblante”, para usar o termo de Badiou.

Posto isso, segue o primeiro exemplo, referente à arte do cartunista. Na imagem, vemos que o sono paralático de uma população pode ser alimentado pelo chefe de uma nação que, para manter o controle da massa e acalmá-la, contenta-se em expor uma foto da bandeira do seu país para ludibriar o povo. O efeito de um determinado fato ocorrido, que deveria ser considerado crucial, é mascarado por falsas informações, de modo que o observador (a massa manipulada) não enxerga a realidade social do fenômeno ocorrido. A bandeira, tal qual uma máscara, encobre e esconde o que está por trás da aparência. É o que vemos na arte de Dave Whamond<sup>2</sup>:

---

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.cagle.com/tag/under-trump-orders/>>. Acesso em 16 de maio de 2020.

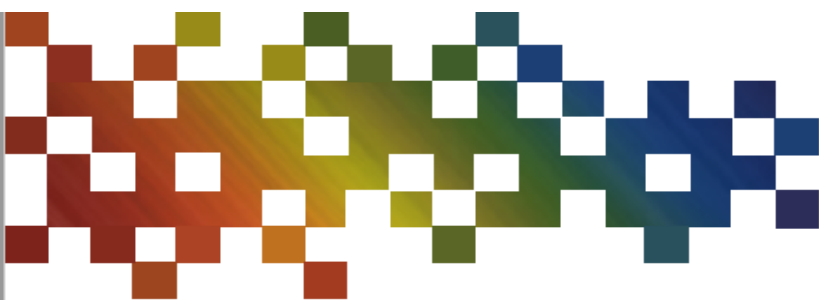
Tradução literal do diálogo na charge:

– Sr. Presidente, o Irã está dizendo que foi um ato de guerra. Vamos para o ataque sem debate no Congresso! Sem os nossos aliados! Estamos preparados? Temos uma estratégia?  
– Está tudo sob controle. Acabei de tuitar uma linda foto da bandeira americana que achei na internet.







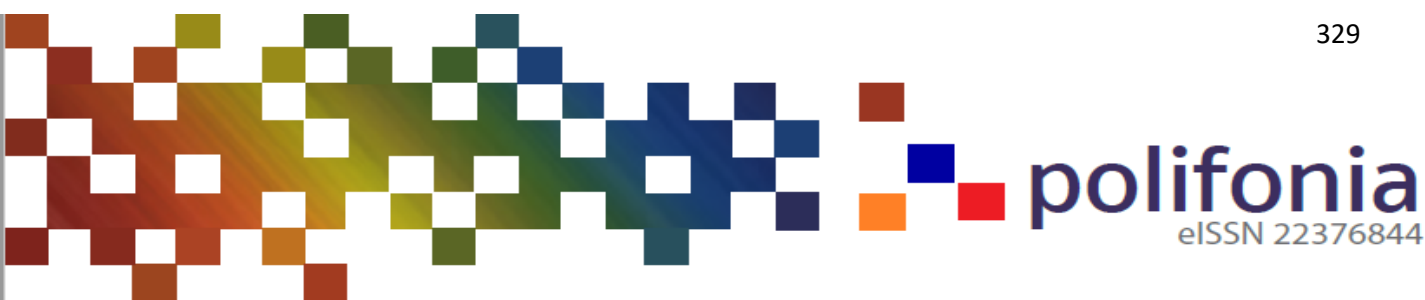


de observadores 1 e 2 sujeitos que apresentam visões opostas do mesmo fato. Ao tentarem apreender o Real, enxergam a realidade (moldada simbolicamente) em deslocamento, em função do ângulo da paralaxe. Por meio dele, a ideologia recria a situação social e influencia a nossa visão de observadores. O núcleo da questão é que, apesar de a queda do avião ucraniano ter sido resultado de um erro humano, o mesmo foi provocado pelo estado de tensão criado pelos Estados Unidos. O ângulo da paralaxe muda a aparência do objeto (o Real) em relação ao fato da realidade (a queda do avião). Podemos dizer que uma visão crítica que se distancia dos dois observadores é a de que, ao retirar a máscara da ideologia, a verdade pode ser a de que a tensão no Oriente Médio, criada propositalmente pelos Estados Unidos, teve como objetivo desviar o foco de atenção da população diante da ameaça do *impeachment* de seu presidente. Eis como age a ideologia: desvia o ângulo do observador para que este veja exatamente a ilusão do fato observado.

O segundo exemplo evidencia uma frase encontrada em dois cartazes divulgados em mídias sociais no Brasil. Um é o avesso do outro, representando, assim, como no exemplo anterior, duas visões opostas diante de um mesmo fato social. Eis a frase:

*QUEM DA SUA FAMÍLIA PODE MORRER PARA O PROGRESSO DO PAÍS?*

A frase, no contexto brasileiro, logo no início da pandemia do novo coronavírus, precisamente em meados de março de 2020, foi divulgada em dois cartazes diferentes, um de orientação de esquerda e o outro de direita. Não é possível afirmar se o público do primeiro teve acesso ao cartaz do segundo e vice-versa. O fato é que a mesma mensagem foi veiculada com objetivos opostos. O viés de direita (dos que apoiam o atual governo e defendem o fim do isolamento social para conter a pandemia) foi representado por um cartaz patriótico com as cores da bandeira brasileira, convocando trabalhadores a não interromperem as suas atividades e coagindo as famílias a pensarem que alguém *deve* morrer para o bem da economia e da nação. Em outras palavras, alguém deve ser sacrificado em prol do todo, semelhante a um soldado que vai à guerra lutar pelo bem da nação, arriscando a própria vida. Obviamente o teor patriótico da frase sensibilizou os

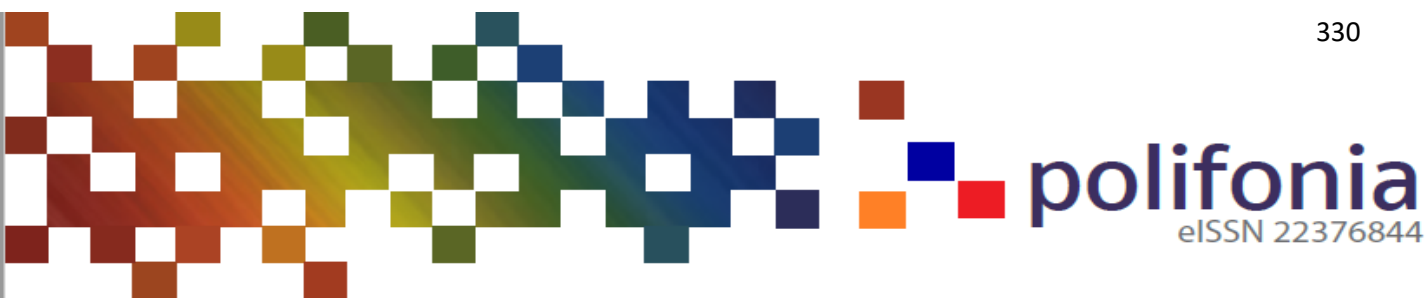


apoiadores do governo que se deixaram levar pela aparência e permaneceram acreditando, *inocentemente* (ou não), que o governo trabalha para o progresso do país.

Em contraposição, o viés de esquerda (dos que são contrários às medidas do governo e defendem o isolamento social como forma de salvar vidas e deter a pandemia) foi representado por um cartaz preto, alertando a população para o fato de que *ninguém* deveria morrer para salvar o país, e que é obrigação do Estado dar assistência aos seus cidadãos. O Estado não deve responsabilizar a população pela crise econômica, ainda mais em um momento de pandemia que exige a interrupção das atividades e o isolamento social para conter o aumento do número de casos da covid-19 e, dessa forma, salvar vidas.

Semelhante à bandeira tuitada pelo presidente americano na charge analisada anteriormente, a propaganda “patriótica” do governo brasileiro exhibe exaustivamente as cores da bandeira do Brasil, despertando um ufanismo desmedido, violento e patológico, resultando num efeito de hipnose sob o qual se encontra uma parcela do povo brasileiro. A máscara utilizada pelo governo esconde o fato real – o de que por trás do nacionalismo exacerbado e doentio dos governantes encontra-se seu verdadeiro desprezo pela classe trabalhadora, mais vulnerável, e a intenção de iludi-la, fazendo-a crer que deve continuar produzindo em meio à pandemia como demonstração de amor à pátria e ao progresso econômico. A bandeira, por sua vez, serve de escudo para blindar o presidente norte-americano em relação a todas as irregularidades praticadas no seu governo que, conseqüentemente, poderiam conduzir ao seu *impeachment*.

Estamos diante de uma mesma frase com interpretações (visões) opostas – uma convocando para a morte, num tom patriótico alienante; a outra tentando desmascarar a real intenção por trás do patriotismo de fachada exaltado pelo governo, tornando evidente (para os que não estão sob o efeito hipnótico da ideologia) uma forma de controle social e manipulação. Os dois grupos de observadores sofrem influência da mudança de posição do objeto (Real), devido à ilusão paraláctica, como atestam as palavras do filósofo, caracterizando a visão em paralaxe a partir de “um ponto de vista sempre mutável entre dois pontos, entre os quais não há síntese nem mediação possível.” Para Žižek, temos aí os dois lados da mesma moeda, ou ainda, “os *dois lados* do mesmo fenômeno”. (2008, p. 14).



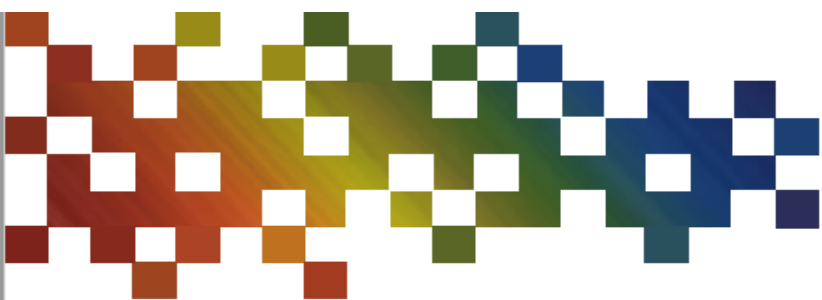
O terceiro exemplo foi retirado do livro *Em busca do real perdido*, de Badiou, publicado em 2015. Se para Žižek o Real é o excedente do Simbólico, ou seja, o resíduo, para o filósofo francês, o Real “sempre se revela na ruína de um semblante.” (2017, p. 25). Na tentativa de defini-lo, ambos parecem concordar, afirmando não haver um acesso direto ao seu núcleo. De acordo com Žižek, o Real só pode ser acessado simbolicamente, pois sua natureza é paraláctica. Badiou prefere as metáforas teatrais. Para ele, podemos, sim, chegar ao Real, mas é preciso desmascará-lo. O Real seria apresentado sempre como uma divisão de dois: a máscara e o seu Real. Para exemplificar, o autor francês cita o trabalho de Pirandello:

Pirandello trabalhou sobre essa divisão do real a ponto de fazer dela o tema principal de muitas de suas peças. E quando publicaram a primeira edição de seu teatro ele quis batizá-la de *Máscara nua*. Isso funciona um pouco como uma recapitulação do que estamos dizendo: a máscara deve ser arrancada enquanto semblante, mas, a fim de chegar ao real nu, – desmascarando-o –, é preciso também reconhecer a nudez da máscara [...] Pirandello circula em seu teatro a partir de uma primeira hipótese segundo a qual não há real nenhum, já que toda máscara é a máscara de uma máscara [...].

(BADIOU, 2017, p. 26-27)

Ao comentar o teatro do dramaturgo italiano, ele explica o seu entendimento em meio à situação contemporânea – qual é a máscara que reveste o nosso Real e sob que máscara o capitalismo mundial aparece para o observador? É com pesar que Badiou responde: “o semblante contemporâneo do real capitalista é a democracia. É a sua máscara. Lamento, porque a palavra ‘democracia’ é uma palavra admirável, e será preciso retomá-la e redefini-la, de um jeito ou de outro” (2017, p. 27). E acrescenta, fazendo alusão à peça de Molière, que o capitalismo representa uma peça teatral chamada “A democracia imaginária”<sup>3</sup>. (BADIOU, 2017, p. 27).

<sup>3</sup> Alusão à comédia de Molière, *O doente imaginário* (1673). Na realidade, o doente hipocondríaco (Argon) não apresenta o quadro de nenhuma doença, mas acredita que padece de um mal e se deixa levar pelo charlatanismo dos médicos. Trata-se de uma sátira à medicina da época, evidenciando a cobiça, a arrogância e a corrupção dos médicos.

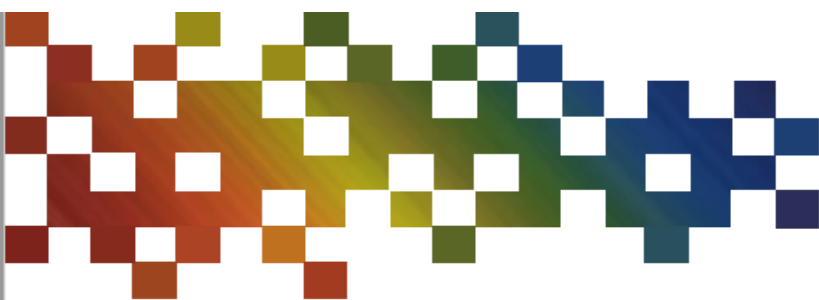


Até quando iremos bater palmas para uma democracia falsa? Quem ousará subir ao palco e arrancar a máscara que esconde o Real – a usurpação neoliberal? Enquanto os observadores continuarem aplaudindo, enxergando somente a máscara, o Real permanecerá invisível, como um espectro, e inacessível, como afirma Žižek. Mas, para Badiou, “buscar o que há de real no real pode ser, é, uma paixão alegre” (2017, p. 61), evidenciando, dessa maneira, um olhar mais otimista do que a interpretação žižekiana.

O quarto e último exemplo foi analisado por Žižek em seu livro *A visão em paralaxe*. Trata-se de mapas (modelos mentais) que nos auxiliam a percorrer ruas e avenidas de uma cidade, bem como seus espaços públicos (estações de metrô, *shoppings*, aeroportos e assim por diante). Nesse último exemplo, encontrado no cotidiano de nossas vidas, temos claramente a representação do Real. Em todos os mapas, deparamo-nos com uma setinha vermelha que marca a nossa localização. O observador olha para o mapa e vê a setinha indicando: “você está aqui”. (ŽIŽEK, 2008, p. 294).

O exemplo pode parecer óbvio ou tolo, no entanto, possui íntima relação com o exemplo da máscara na peça de Pirandello, citada por Badiou. Diante da setinha vermelha nos mapas é importante refletir sobre a realidade física (eu) e a abstrata que me representa simbolicamente (a seta vermelha). Quem está por trás da máscara, ou melhor, quem é que é representado pela seta no mapa? É importante refletir sobre o fato de que por trás de cada seta há um indivíduo, em determinado espaço geográfico, perdido, buscando caminhos. A seta é somente um marco, um símbolo, mas cada indivíduo leva consigo a profundidade do Real que habita dentro de si, que ele próprio desconhece. Afinal, não é, neste caso, a realidade física da pessoa que propriamente importa, mas o que se encontra por trás dessa realidade física, algo que *quase* (pois o Real permanece como uma incógnita) é revelado “quando olhamos fundo nos olhos de alguém [...]” (ŽIŽEK, 2008, p. 296), principalmente nos dias de hoje, em razão do distanciamento físico devido à covid-19: “Nestes dias, quando você encontra alguém próximo (ou mesmo um estranho) e mantém uma distância adequada, um olhar profundo nos olhos do outro pode revelar mais que um toque íntimo.” (ŽIŽEK, 2020, p. 49-50).

Por meio desses quatro exemplos, busco esclarecer o trio (Real, Simbólico, Ideologia), aproximando o entendimento que têm do Real os pensadores pós-marxistas



aqui abordados. Acredito que as quatro situações expostas revelam, em suas linhas gerais, o funcionamento da ideologia e apontam para uma visão crítica e distanciada da realidade observada. Eis a função da filosofia – questionar, problematizar, duvidar e ponderar diante de um determinado fato.

A frase “você está aqui”, indicada pela seta no mapa, afirma, de forma categórica, a sua posição geográfica. Indo mais além do sentido dessa frase ingênua, e retirando-a do contexto do mapa urbano (no qual ela é extremamente necessária), o “você está aqui” pode significar, de outro modo, o peso da representação da realidade e da ideologia que comandam nossos passos, pensamentos, sentimentos e ações cotidianas. Pensemos no fato de hoje, com o advento da tecnologia, o Google ter um histórico de todos os nossos movimentos, inclusive dos nossos gostos, acessando, assim, até mesmo a nossa subjetividade.

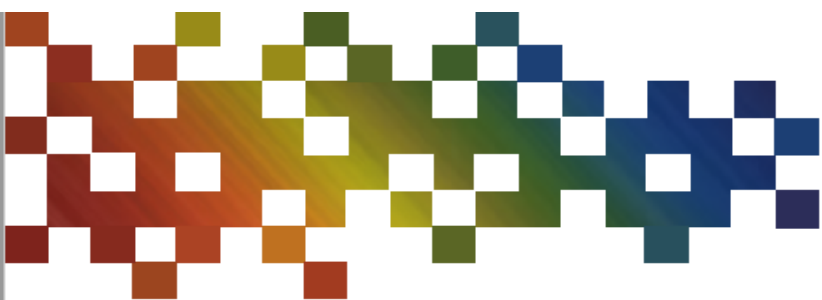
### 3 O poder do pensamento filosófico diante do deserto do Real

A obra *Philosophy in the present*, escrita em conjunto por Badiou e Žižek, em 2010, apresenta como grande questão a possibilidade de o filósofo atuar nos eventos contemporâneos, comentando-os e interrogando-os, tendo o dever de interpretar o mundo e até mesmo sinalizar para mudanças.

Badiou inicia o livro, apontando para a falsa ideia de que os filósofos podem discorrer sobre qualquer assunto. Tal ideia é repetida e reforçada por pensadores populares que, a exemplo das celebridades dos dias atuais, dispõem mais de sua popularidade do que de conhecimento teórico. A esse tipo de filósofo ele denomina “filósofo de TV”. Diferentemente desse tipo, o verdadeiro pensador deve construir seus próprios problemas e conceitos, aplicando-os em determinada situação social, visando promover alguma mudança: “a genuine philosopher is someone who decides on his own account what the important problems are”<sup>4</sup> (BADIOU; ŽIŽEK, 2010, p. 2). Para isso,

---

<sup>4</sup> Em tradução literal: “um filósofo genuíno é alguém que decide por conta própria quais são os problemas importantes.”

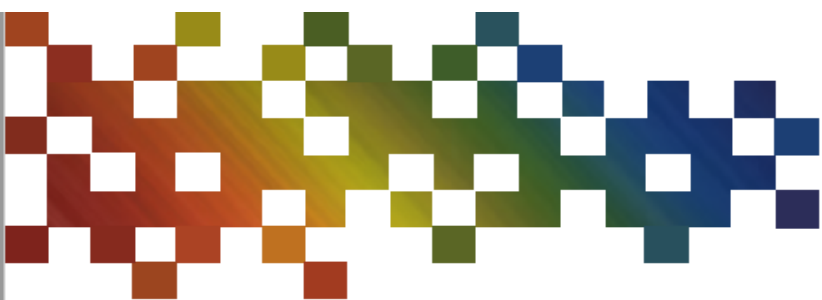


Badiou afirma ser fundamental desenvolver um pensamento filosófico autêntico por meio do qual ocorra uma “situação filosófica”, ou seja, uma situação que promova a problematização de determinado fato.

Seguindo o pensamento do escritor francês, e para ilustrar um fato/acometimento que gerou uma problematização filosófica, nesta terceira parte do presente artigo, comento o livro *Bem-vindo ao deserto do Real!*, no qual Žižek problematiza um evento ocorrido em 2001 – os atentados de 11 de setembro. O livro explica que tais ataques servem de exemplo para o que Badiou denomina de “paixão pelo Real”. Ou seja, aquilo que antes só podia ser visto pela lente da ficção em filmes hollywoodianos – grandes explosões, ações terroristas, desastres prevendo o fim do mundo – de repente passou a ser visto a olho nu, na vida real. Assim, o ocorrido em 11 de setembro

não é um caso exemplar do que Alain Badiou identificou como a principal característica do século XX: a paixão pelo real [*la passion du réel*]? Ao contrário do século XIX, dos projetos ou ideais utópicos ou científicos, dos planos para o futuro, o século XX buscou a coisa em si [...] o Real em sua violência extrema como o preço a ser pago pela retirada das camadas enganadoras da realidade. (ŽIŽEK, 2002, p. 19).

Naturalmente, o mundo se sensibilizou com a tragédia, principalmente por se tratar de uma grande potência como os Estados Unidos. O efeito direto da queda das torres gêmeas foi a legitimação da guerra ao terrorismo sustentada pelos norte-americanos. No entanto, o que parece ser um efeito direto do ocorrido no 11 de setembro, na verdade esconde um efeito colateral (este sim deveria ser considerado o efeito principal) que é a guerra contra o movimento antiglobalização. Como a maior parte da população no mundo permanece imersa no sono ideológico, acreditando no papel de vítima de uma nação rica atacada “sem motivos”, termina endossando a sua reação ao terror. Devido ao deslocamento do Real, ocasionado pela gradação do ângulo da paralaxe, essa mesma população não consegue enxergar o que está por trás do véu da ilusão – rechaçar o estrangeiro visto como ameaça e fortalecer a política de globalização hegemônica estadunidense. Dessa maneira, toda a revolta incitada e alimentada (pelo governo e pela mídia) contra o estrangeiro reduziu a zero qualquer possibilidade de reconciliação e criou



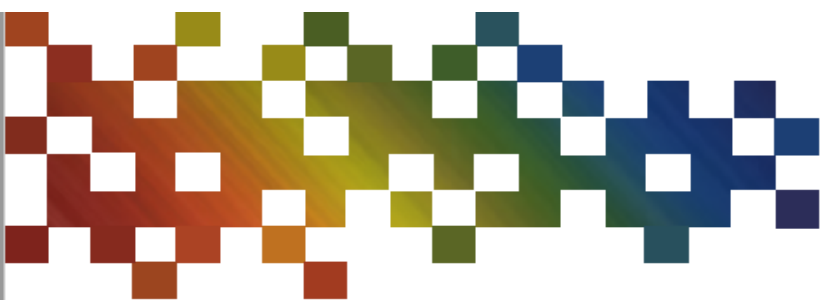
um sentimento de retaliação contra a comunidade muçulmana. Ou seja, a queda das torres do World Trade Center serviu para acelerar ainda mais a expansão do capitalismo liberal e o controle do capital financeiro internacional. Os mesmos olhos que viram o ataque às duas torres e enxergaram nele uma tragédia nunca vista antes, por outro lado fecharam os olhos para tragédias anônimas de milhares de pessoas que vivem permanentemente abaixo da linha de pobreza e sob o domínio de países do Primeiro Mundo. Tais tragédias permanecem ocorrendo diariamente e silenciosamente, já que a globalização reforça o cenário estagnado considerado “normal” dos países do Terceiro Mundo. Posto isso, os ataques terroristas de 11 de setembro tornaram as pessoas ainda mais imersas no sono da ilusão, sem conseguirem perceber com clareza o Real por trás dos fatos. Mergulhados num patriotismo alienante, os norte-americanos assumiram a posição de vítimas e se lançaram cegamente em direção ao inimigo estrangeiro em busca de reparação. Eis o que Žižek diagnostica como ideologia em seu estado mais puro.

Aplicando o método žižekiano da visão em paralaxe ao contexto dos ataques do 11 de setembro, vemos que a compreensão crítica, sob o ângulo da paralaxe, deve manter o distanciamento do fato, ou seja, deve resistir ao que o filósofo chama de “dupla chantagem”: não devemos condenar simplesmente o ato terrorista e enxergar (pela lente da ideologia) os Estados Unidos como vítimas inocentes, tampouco devemos concordar com os atos de terror ocorridos.

Diante de todo e qualquer fato social temos que estar atentos ao que se encontra por trás dele. Sem se deixar contaminar pelo véu da ilusão ideológica, o olhar crítico do filósofo percebe o que é tendencioso em determinado acontecimento e busca adotar um posicionamento ético. Como bem afirma o escritor, “do ponto de vista moral, as vítimas são inocentes, o ato um crime abominável, mas essa inocência não é em si inocente – adotar essa posição de ‘inocente’ no universo do capitalismo global é em si uma falsa abstração.” (ŽIŽEK, 2002, p. 67).

Por fim, o 11 de setembro representou uma ruptura com os velhos moldes de guerrear. Ao explicar o fantasma de uma possível guerra no século XXI, o escritor, de forma genial, antecipou a guerra abstrata que estamos vivendo neste ano de 2020:





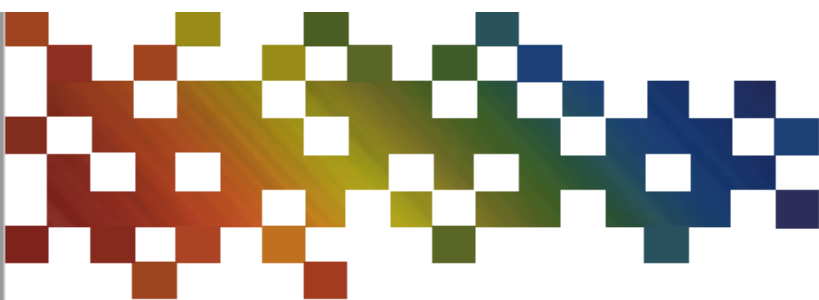
Longe de apontar para a guerra do século XXI, a explosão e o colapso das torres gêmeas do WTC em setembro de 2001 foram, pelo contrário, o último grito espetacular da guerra do século XX. O que nos espera é algo muito mais estranho: o espectro de uma guerra ‘imaterial’ em que o ataque é invisível – vírus, venenos que podem estar em qualquer lugar ou em lugar nenhum. No plano da realidade material visível, nada acontece, nenhuma grande explosão; ainda assim o universo conhecido começa a desmoronar, a vida a se desintegrar. (ŽIŽEK, 2002, p. 53).

## Considerações finais

Salientando a característica espectral e abstrata do Real, este artigo investigou nos quatro exemplos referidos, bem como nos ataques ocorridos em 11 de setembro, a maneira como o objeto (patriotismo, democracia) muda de posição, conforme a visão do observador, sob o efeito da ideologia. Foram analisados exemplos retirados de contextos sociais, sendo os mesmos comentados e problematizados seguindo o entendimento da relação entre Real e Simbólico, categorias teorizadas pelos pensadores contemplados neste estudo.

Partindo do entendimento de paralaxe – uma consequência de aparente mudança do objeto observado devido à alteração do lugar do observador – no que diz respeito à política, Žižek elabora a ideia de que o reconhecimento de conflitos e contradições na sociedade exprime o maior desafio do momento atual da história humana. Žižek empreende um estudo da sociedade, revelando os seus antagonismos e propondo uma reparação do materialismo dialético por meio do método da visão em paralaxe. Sua obra reafirma a urgência ética do debate filosófico e crítico, incluindo o pensamento de Badiou e Laclau.

Por meio desses autores, compreendemos que apesar de sermos *livres*, não conseguimos articular a nossa liberdade pois nossa percepção dos fatos é sempre mistificada. A visão em paralaxe de Žižek guia-nos a não acreditar inocentemente nos termos: patriotismo, democracia, liberdade, direitos humanos, pois os mesmos são portadores de antagonismos. Infelizmente a lente da ideologia faz com que as pessoas leiam essas palavras com olhos inocentes e crédulos sem saber ao certo como interpretar



os fatos sociais com base no que essas palavras deveriam, verdadeiramente, significar. Como bem afirma Žižek: “são termos falsos, que mistificam nossa percepção da situação em vez de nos permitir pensá-la.” (2002, p. 16).

Neste artigo, constatou-se que a realidade, construída simbolicamente, traz em si o Real (pois este lhe é imanente). O ângulo da paralaxe representa a alternância da visão de um mesmo fenômeno. Trata-se de uma visão que abarca os dois, tanto o Real como o Simbólico. A consciência da variação do ângulo de visão paraláctica corresponde à visão crítica dos fatos, evitando sofrer manipulação do véu da ilusão – ideologia. Nesse sentido, o despertar para a existência da visão em paralaxe representa a neutralidade, o pensamento livre da ideologia que mascara determinado objeto. E é justamente nesse despertar que habita o pensamento filosófico.

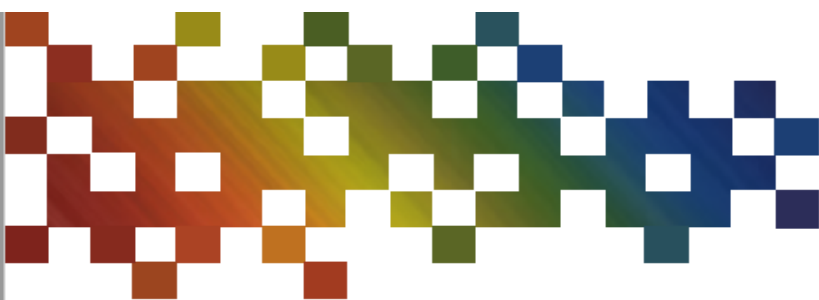
Badiou tenta reavivar a paixão pelo Real, como vimos ao citar o exemplo da *Máscara nua* de Pirandello. Žižek, por sua vez, vê o Real como um objeto sem substância e sem possibilidade de ser acessado, já que sempre teremos uma visão paraláctica do mesmo. Laclau, por sua vez, entende o Real assumindo inúmeras interpretações, conforme os diferentes contextos sociais. O conceito de democracia, por exemplo, ultrapassa os valores da ideologia contemporânea, pois seu conceito abarca toda uma trajetória histórica do termo.<sup>5</sup>

Reforçando o entendimento da paixão pelo Real de Badiou, retomada por Žižek, bem como a sua característica múltipla, apontada por Laclau, observou-se, com o último evento aqui analisado, o 11 de setembro, que o mesmo representou uma ruptura com os modelos tradicionais de se fazer guerra. Conforme Žižek, o século XXI passa a ser marcado por um novo tipo de batalha “de-substancializada” de sua matéria. Ou seja, não são mais balas, tanques de guerra e explosões que caracterizam uma batalha, mas sim um inimigo silencioso e invisível, como um vírus.

Finalmente, o fetichismo parece atingir seu apogeu precisamente quando o fetiche em si é “desmaterializado, transformado numa fluida entidade virtual” (ŽIŽEK,

---

<sup>5</sup> No capítulo “Fascism and ideology”, do livro *Politics and ideology in Marxist Theory*, Laclau defende que boa parte dos estudos sobre termos como fascismo e democracia têm sido reduzidos a simples contradições. (LACLAU, 2011, p. 82).



2002, p. 52). O autor defende que isso vale tanto para o dinheiro, que tem se tornado imaterial na sua nova forma eletrônica, como para a guerra, que passa a assumir a forma imperceptível de um vírus.

## Referências

- BADIOU, Alain. *Em busca do real perdido*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BADIOU, Alain.; ŽIŽEK, Slavoj. *Philosophy in the present*. Cambridge: Polity, 2010.
- BUTLER, Rex. *Slavoj Žižek: live theory*. London: Continuum, 2007.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- LACLAU, Ernesto. Fascism and Ideology. In: *Politics and Ideology in Marxist Theory: Capitalism, Fascism, Populism*. London; New York: Verso, 2011. (Radical Thinkers).
- WHAMOND, Dave. *Cagle cartoons*. Disponível em <<https://www.cagle.com/tag/under-trump-orders/>>. Acesso em 16 de maio de 2020.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do Real!:* cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003. (Estado de sítio).
- ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- ŽIŽEK, Slavoj. *How to read Lacan*. London: Granta Books, 2006.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.